CULTURAS VIAJANTES: UMA ANTROPOLOGIA DA CIDADE

(NOTAS PARA REPENSAR O FAZER PASTORAL A PARTIR DA CIDADE)

JOSÉ ARTUR TAVARES DE BRITO¹

Resumo

Este trabalho pretende tecer alguns comentários sobre o que seria “Culturas viajantes”. Esse tema se torna pertinente porque está no âmago das grandes discussões hoje. Primeiro que tudo, tomamos o estudo da antropologia cultural com a amplitude devida. Este texto vai nessa direção. Propõe-se a fazer uma reflexão mais abrangente possível levando em conta aspectos da existência humana, biológica e cultural, passada e presente porque a vida não se vive por categorias, mas é um processo sempre contínuo. Para isso, trazemos à tona alguns autores clássicos da antropologia urbana. Nossa intenção também é fazer um convite à leitura atenta da cidade. Convidamos a olhar a cidade como um palco, onde acontece tudo da Idade Contemporânea, onde acontece todo tipo de relação. No ano de 2002, o IBGE divulgou os resultados da chamada tabulação avançada dos dados preliminares do Censo. Procuramos abordar aqui os resultados relativos à questão Religião. Também para saber qual é o perfil do católico brasileiro, o Instituto Nacional de Pastoral (CNBB) solicitou ao CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) a Pesquisa Tendências Atuais do Catolicismo no Brasil. Com esses dados, fazemos algumas considerações que questionam o fazer pastoral na cidade. Daí, o apelo de uma Pastoral da Cultura.

Palavras-chave: dinâmica cultural, espaço urbano, cidade, pluralismo religioso, pastoral da cultura

TRAVELING CULTURES: AN ANTHROPOLOGY OF THE
CITYCULTURAS VIAJANTES: UMA ANTROPOLOGIA DA CIDADE
(NOTES FOR RE-THINKING PASTORAL ACTIVITIES BASED ON THE CITY)

Abstract

This paper aims to weave together some commentaries on what “Traveling Cultures” might be. This topic has become pertinent because it is at the core of major debates today. First of all, we tackle the study of cultural anthropology with the due depth. This text goes in that direction. It sets out to make the fullest possible reflection taking into account aspects of human existence, both biological and cultural, from the past and today, because life is not lived in categories but is a never-ending process. Therefore, we draw on some classical authors of urban anthropology. Our aim is also to extend an invitation for an attentive reading of the city. Our invitation is to regard the city as a stage on

which everything in the Contemporary Age has been taking place, and on which every sort of relationship is realized. In 2002, the IBGE (the Brazilian Statistical Office) published the results of the so-called advanced tables of the preliminary data of the Census. We seek to approach these results in relation to the question of Religion. And also, to learn what the profile is of the Brazilian Catholic, the National Institute for Pastoral Matters (CNBB) requested the Center for Religious Statistics and Social Investigations (CERIS) to undertake a Survey of Current Tendencies of Catholicism in Brazil. With these data, we put forward some considerations which question pastoral activities in the city. From this, the appeal for a Pastoral for Culture.

Key-words: *cultural dynamics, urban space, city, religious pluralism, pastoral for culture*

Introdução

“A mentalidade urbana é mais extensa que o espaço urbano”

(Louis Wirth)

O povo brasileiro é marcado pela mobilização. Mudam-se os fluxos, os destinos, as atividades econômicas, mas permanece o desenraizamento como forma de conquistar a sobrevivência. Aqui, quero falar particularmente da região Nordeste. Se existe um povo migrante no Brasil este é o povo nordestino.

O estudo sobre Migrações internas no Nordeste, de técnicos nordestinos, chega à conclusão de que quase 1/3 da população nordestina é migrante dentro da própria região. Somando-se a esses os milhões de nordestinos vivendo fora da região, pode-se afirmar, com toda segurança, que, de cada 3 nordestinos, pelo menos 1 é migrante.

É a partir desse contexto que me proponho a tecer alguns comentários sobre o que seria “Culturas viajantes”. Esse tema se torna pertinente porque está no âmago das grandes discussões hoje como: dinâmica cultural, espaço urbano, pluralismo religioso etc.

Perguntas que não iremos responder nessas poucas linhas são pertinentes para o estudo a que nos propomos. Com o pro-

cesso de urbanização, quais mudanças (transformações e influências) ocorrem na experiência religiosa das pessoas nas periferias das cidades? Temos que continuar estudando para encontrarmos chaves para entender o homem e a mulher do início deste novo século. Quais são os grandes sonhos desse homem e dessa mulher? O que para esse homem e essa mulher (fruto da urbanização) é ponto de segurança? Com a mudança para a cidade, o que acontece com “o cristão por tradição”? Que influência tem a mídia televisiva nesse novo fenômeno? Como se dá a articulação entre o racional e a fé nesse novo contexto?

Para esse olhar, no primeiro momento, queremos colher algumas contribuições da antropologia cultural. Alguns trabalhos etnográficos recentes podem ajudar-nos e dar uma luz para percebermos as dinâmicas específicas de “morar” e “viajar”. O Nordeste é um celeiro para o estudo desse fenômeno.

Em segundo, constataremos que a cidade é o cerne da questão. É nela onde ocorrem vários processos sociais. Como entender a recorrente crítica à “impessoalidade” e à “superficialidade” nas relações urbanas. Antes, porém, é preciso dar conta de quem é, e como vive, este ser humano do mundo urbano.

Por último, olharemos para o contexto religioso. Especialmente as igrejas cristãs. Dados recentes nos revelam a cara da movimentação religiosa no Brasil, sobretudo tendo presente os dados coletados e analisados pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), os quais são de fundamental importância para se pensar em as transformações recentes do campo religioso brasileiro trazendo questões relevantes para o trabalho pastoral. O novo campo religioso brasileiro é caracterizado por um grande pluralismo, a saber, os cristãos, os “sem religião” e os “ateus”. É importante destacar a convergência entre os dados do CERIS e os do Censo 2000 recém-divulgados pelo IBGE.

Fica um desafio: o diálogo com as culturas e a afirmação da necessidade de aprofundamento da relação do diálogo inter-religioso serão a marca deste novo século para as pastorais e as teologias das igrejas. Se partirmos das “Culturas Viajantes”, o que de fato é cultura? O que, de fato, é a Pastoral da Cultura? Como fazer pastoral na cidade, hoje?

O que é uma cidade? A antropologia moderna tenta dar uma definição mais abrangente do que vem a ser uma cidade moderna. A imagem da cidade é composta de um sem-número de traços, linhas, cores, sinais gráficos, sons, sotaques, letras, roupas, números, cheiros, frases, massas, volumes, movimentos etc. É o lugar onde convivem as relações capitalistas impessoais com o movimento social que reclama uma sociedade de processos coletivos mais humanizantes. Na cidade, convivem a religião com a ciência, a família com o individualismo crescente, o isolamento individual com a comunicação internacional e, em termos de espaço físico, centros superconstruídos com periferias vazias, arranha-céus com favelas, palacetes e cortiços, avenidas com pracinhas; a arquitetura tradicional e de estilo convive lado a lado com a ultramoderna.

Devemos compreender a paisagem de uma cidade não apenas na sua acepção exclusivamente visual, mas na dimensão significativa que os usuários atribuem a ela: a cidade na sua dinâmica cotidiana, espaço de ação, símbolos, significados etc.

O aprofundamento desse tema é muito desafiador pela sua atualidade. A sociedade sofre constantes mudanças em todos os sentidos, por isso a pastoral deve acompanhar essas evoluções. Tanto é que, em muitos setores das igrejas, ainda não se começou a aprofundar esse tema. Em muitos ambientes eclesiais e eclesiais, ainda é quase desconhecido.

Eis o desafio: como fazer uma pastoral eficaz e adaptada às cidades? Naturalmente diminuindo cada vez mais o fosso que

existe entre fé e cultura. O ponto de encontro entre evangelho e cultura é o cerne da questão. De fato, a dualidade entre “Evangelho e Cultura” se arrasta há muito na dinâmica das igrejas.

Por conseguinte, os próprios conceitos de Deus, sagrado, de fé, amor só são compreensíveis mediante o complexo aparelho de modelos culturais mais ou menos conscientes. Símbolos, ritos usados, por exemplo, na Bíblia ou na liturgia, não nascem do nada. Desenvolvem-se dentro de estruturas mais amplas que são as estruturas típicas de determinada cultura. Dessa maneira, é fácil compreender por que a religião se acha ligada à cultura.

1. a cultura

1.1. um olhar antropológico sobre as culturas viajantes

“O tempo passaria, antigos impérios cairiam e novos ocupariam seus lugares. As relações de classe tinham de mudar antes que eu descobrisse que não é a qualidade e a utilidade dos bens que importam, mas o movimento, não o que você é ou o que tem, mas de onde você vem, para onde vai e em que ritmo está chegando lá” (BEYOND).

O antropólogo James Clifford se empenha em trabalhar o tema das “Culturas Viajantes” (CLIFFORD, 2000: 51-79). Ele diz que as pessoas estudadas pelos antropólogos raramente são caseiras. *“Alguns deles, pelo menos, foram viajantes: trabalhadores, peregrinos, exploradores, convertidos religiosos ou outros tradicionais ‘especialistas das grandes distâncias’”* (CLIFFORD, 2000, 53). De fato, na história da antropologia do século XX, os “informantes” aparecem primeiro como nativos, emergindo depois como viajantes.

O aspecto da viagem aparece bem presente na dinâmica das culturas. Poderíamos começar perguntando – o que é cultura? Na realidade, cultura é a ação de cultivar a pessoa humana seus dons, dando sentido e significado à vida cotidiana e social. As pessoas criam e produzem, no processo histórico, um sistema de valores sobre os quais fundamentam a cosmovisão da vida e do mundo. Essa cosmovisão e seus valores são expressos por um sistema de símbolos. Na antropologia, temos um esquema que é muito trabalhado: o mito (particularmente os de origem e os relatos históricos) – os ritos (que possibilitam a afirmação, interiorização e a celebração nas relações de seus valores fundamentais) – o interdito (que são as regras de comportamento do próprio grupo religioso).

Para falar de cultura, não podemos deixar de citar um clássico da antropologia:

“(a cultura) é um sistema, transmitido historicamente, de significações encarnadas nos símbolos, de concepções recebidas em herança e expressas sob formas simbólicas graças às quais as pessoas comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento da vida e suas atitudes em relação a ela” (GEERTZ, 1973: 89).

Uma reflexão sobre o significado de cultura se faz necessária para se aprofundar cada vez mais um respeito mais profundo ao modo de viver do povo e ao seu modo de ser. A propósito disso, o próprio Geertz registrou que os antropólogos “*não estudam aldeias, estudam em aldeias*”. E, cada vez mais, poderia acrescentar, não estudam em aldeias, mas em hospitais, laboratórios, bairros urbanos, hotéis de turismo, em igrejas. Essa tendência põe em questão uma configuração modernista/urbana do objeto “primitivo” de estudo como romântico, puro, ameaçador,

arcaico, simples e assim por diante (CLIFFORD, 2000). Mas, apesar da saída das aldeias literais, permanece a noção de campo de trabalho como um tipo especial de moradia localizada. Hoje, cada vez mais, crescem os estudos sobre a cidade. A cidade passou a ser um objeto de estudo permanente por parte de antropólogos. Basta ver as inúmeras defesas de dissertações e teses nessa área.

1.2. Cultura como conjunto e processo coletivo de integração na sociedade

“Cultura é este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

(Edward Tylor)

O papel da antropologia é produzir interpretação das diferenças culturais? Malinowski afirmava, justamente, que “o papel da antropologia é produzir interpretações das diferenças enquanto elas formam sistemas integrados”. Isso nos deixa crer que alguns antropólogos clássicos vêem uma proximidade muito grande entre cultura e função. Malinowski considerava que uma sociedade deve ser estudada enquanto TOTALIDADE, tal como FUNCIONA. A partir de Malinowski, a antropologia se torna uma ciência da alteridade.

Com Malinowski, existe uma mudança de concepção dos povos primitivos. Existe uma compreensão naturalista e marcadamente otimista de uma totalidade cultural integrada.

Na obra de Marshall Sahlins, *Cultura e Razão Prática*, é afirmado

“que o significado é a propriedade específica do objeto antropológico. As culturas são ordens de significado de pessoas e coisas. Uma vez que essas ordens são sistemáticas, elas não podem ser livre invenção do espírito. Mas a antropologia deve consistir na descoberta do sistema, pois não pode mais contentar-se com a idéia de que os costumes são simplesmente utilidades fetichizadas” (SAHLINS, 1979: 10).

O próprio trabalho de Sahlins representa uma crítica antropológica da idéia de que as culturas humanas são formuladas a partir da atividade prática e, mais fundamentalmente ainda, a partir do interesse utilitário. A proposta do trabalho é exatamente discutir a relação existente entre a proposta cultural e a proposta prática como uma oposição cíclica à repetitividade à qual a antropologia se manteve presa nos últimos anos.

Sobre a idéia de cultura e natureza, temos um grande debate. Franz Boas afirma que a cultura não procede da natureza, pois cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrenta. Alfred Kroeber, no livro “O Superorgânico”, mostrou como o ser humano está acima de limitações orgânicas. Os atos dependem de aprendizagem. Morgan enfatiza o descobrimento dos “germes” do pensamento. Na obra de White, o paradigma de Boas convive com o de Morgan, a razão prática e o símbolo coabitam. Já Lévi-Strauss, o mais famoso antropólogo francês, considera que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma. Para ele, essa seria a proibição do incesto, padrão de comportamento comum a todas as sociedades. Leslie White, antropólogo norte-americano, contemporâneo, considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do ser humano foi capaz de gerar símbolos. Margaret Mead vê uma grande relação entre biologia e cultura.²³

Ela diz que até a amamentação pode ser transferida a um marido moderno por meio de mamadeira. Com os índios Tupi, o marido pode ser o protagonista mais importante do parto. É ele e não a mulher que se recolhe à rede (o conhecimento depende de aprendizado-endoculturação).

Quanto à questão do determinismo geográfico, a partir de 1920, Boas, Wissler e Kroeber demonstraram que existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais. Daí, a constatação de que é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico.

Para Malinowski, a cultura aparece simplesmente como um instrumento ou um ambiente. Ele procurou resolver o problema, ainda hoje, presente na teoria antropológica do binômio natureza e cultura. Aqui, podemos entender toda a dimensão da noção de cultura e função.

De fato, se tomarmos a análise dos vários elementos que se integram na sociedade e se partirmos de uma consideração funcionalista, concluímos que a dimensão de função é fundamental para que as instituições existam. Isso porque, segundo o próprio Malinowski, uma instituição desprovida de função tende a desaparecer. A funcionalidade cria a integração.

2. A cidade

2.1. Um olhar antropológico sobre a cidade

Nossa intenção é fazer um convite à leitura atenta da cidade. Convidamos a olhar a cidade como um palco, onde acontece tudo da Idade Contemporânea, onde acontece todo tipo de relação.

A antropóloga Rita Amaral (USP) nos convida a fazer uma viagem pelo significado da cidade moderna. A cidade é o lugar

onde convivem pobres e ricos, velhos com jovens, mendigos e doutores, católicos e protestantes, ateus e macumbeiros, gregos e baianos, o empresário e o funcionário, o operário e o ladrão, o malandro e o otário, o jumento e a parabólica. Na cidade, a cultura até mesmo cria a natureza. Parques florestais, praças, bosques, jardins, por exemplo, estão presentes apenas onde os humanos desejam ou permitem (AMARAL, 1998).

Os estudos atuais, nessa área, destacam a importância da questão ambiental. A preservação dos valores culturais e ambientais é uma tendência da atualidade. Em contraposição à globalização da economia e da comunicação, a valorização das coisas locais procura manter identidades específicas para garantir às pessoas uma referência do seu lugar. O passado e as suas referências marcadas no território, as manifestações culturais tradicionais repassadas de geração em geração, as formas de lazer – objetos, alimentos, remédios caseiros, festas – voltam a ser valorizados. Começamos a acreditar na necessidade de compreender o passado como um referencial para a construção do futuro e como um processo contínuo de fruição, confrontando o pensamento iluminista, base da cultura ocidental por dois séculos, que desvincula o passado e vislumbra somente o futuro sob o ideal da modernidade.

Hoje, cada vez mais, estuda-se a totalidade da cidade, ou seja, os humanos e tudo o que está ao seu redor. E, nesse sentido, começa-se a falar não só do meio ambiente, mas do ambiente todo, da qualidade de vida relacionada com o ambiente todo.

Os desafios da questão ambiental e as ameaças da qualidade de vida dão ao conceito de paisagem toda a amplitude necessária para o desafio patrimonial a ser enfrentado pelas cidades, pela sociedade civil e pelos órgãos públicos municipais, estaduais e / ou federais.

Os moradores descobrem a cidade. Vêem a importância vital para sua cultura e memória da sua paisagem, do seu entor-

no, da sua história, dos seus bens imóveis, dos seus documentos, histórias, lendas, costumes etc que formam a teia das relações entre as pessoas presentes, produto da história social, política, econômica e religiosa dos seus antepassados e da sua projeção de futuro para as gerações emergentes.

O processo histórico e social de um povo deve estar solidamente alicerçado na valorização do seu patrimônio cultural. A qualidade de vida da cidade e do campo está diretamente ligada à nossa capacidade de valorizar a dinâmica da vida de homens e mulheres e expressa, nas suas mais diversas formas de expressão cultural e artística dentro de uma paisagem abrangente, com entornos determinados e pelos sinais indelévels das marcas dos que construíram a cidade.

Tudo isso dificulta uma definição do que seja a cidade, que pode ser, ao mesmo tempo, tudo e nada. Então, será que, levando-se em conta tamanha diversidade, a cidade realmente existe como totalidade e pode ser pensada como categoria antropológica? Como uma variável explicativa dos fenômenos que abriga? Como se define, então, a cidade?

2.2. A cidade segundo Karl Marx e Max Weber

É importante, para compreender a literatura produzida sobre a cidade, conhecer um pouco o que alguns clássicos das Ciências Sociais têm a dizer.

Esses autores estão interessados em estudar a cidade diante do ponto de vista histórico e estudam a cidade como produto de diversas causas econômicas, políticas e sociais. De acordo com diferentes circunstâncias e forças históricas, existiriam cidades de tipos diferentes (portos, santuários, industriais etc.), desempenhando funções ligadas às áreas nas quais estão inseridas. Entre os autores que aderem a essa perspectiva, parece sufici-

ente citar Karl Marx e Max Weber, por sua importância e influência nas ciências sociais. Apesar de suas divergências teóricas serem profundas, ambos caracterizam a cidade ocidental como um lugar de mercado.

Weber, no texto “Conceito e Categorias da Cidade” (Weber, 1987), observa vários tipos de cidade que existiram no passado e mostra suas diferentes origens, enfatizando a importância do mercado para seu desenvolvimento. Nesse ensaio, ele formula um conceito que é construído por uma série de circunstâncias ou pré-requisitos necessários para o desenvolvimento das cidades.

Resumindo o conceito weberiano, a existência da cidade implica a existência de uma comunidade com alto grau de autonomia, tanto no nível objetivo (mercado, fortificação, exército, tribunal e direito ao menos parcialmente próprio), quanto no nível subjetivo, como um “conjunto de lealdades”.

Para Weber, a cidade é pré-condição da existência do capitalismo e pressuposto de seu desenvolvimento. Ele chega a afirmar que uma das razões de o capitalismo não se ter desenvolvido no Oriente foi justamente a ausência de cidades definidas de acordo com seu modelo. À medida, entretanto, que as cidades são incorporadas a estados nacionais, elas não podem mais ser captadas com uma totalidade porque são absorvidas numa unidade mais ampla. E isso leva a uma situação onde a cidade significa uma comunidade relativamente autônoma, enquanto, por outro lado, ela se torna parte integral de sociedades mais abrangentes. Por isso Weber descartou a relevância de uma sociologia das comunidades urbanas já que, para ele, embora a cidade moderna se tenha originado da comunidade relativamente autônoma de “burgueses livres” que existiu no período de transição do feudalismo para o capitalismo, essas comunidades perderam rapidamente sua independência para se tornarem os alicerces do Estado-nação. Desse modo, as cidades deixariam, para

Weber, de proporcionar a base da experiência social total que caracterizou a “associação de comunidade”, dando lugar, em vez disso, a uma estrutura social muito além da área urbana, deixando de ser, portanto, uma unidade relevante para a análise sociológica (Weber, 1987).

Marx, por sua vez, afirmou que a economia urbana requer um processo prévio de divisão social do trabalho. No caso das cidades européias da Idade Moderna, isso significou o desenvolvimento de um novo padrão de exploração, que substituiu o sistema estamental pelo de classes sociais. Isso requereria homens livres, no sentido de que, de um lado, deveria haver pessoas não sujeitas aos laços da servidão e que, portanto, pudessem vender sua força de trabalho e, de outro lado, uma classe burguesa (portanto livre da dominação de senhores feudais) que estivesse disposta a comprar e usar tal força de trabalho. Para Marx, é apenas nas cidades que esses dois novos atores sociais se encontram e interagem.

O desenvolvimento do modo de produção capitalista, como descreve Marx em “O Capital”, aconteceu (após o aparecimento prévio do capital através do comércio no mundo do século XVI) por meio das transformações que ocorreram nas cidades onde as manufaturas foram eliminadas pelas fábricas às quais os servos pediram empregos depois de serem expulsos ou fugirem do campo.

Nesse sentido, também para Marx, a cidade é um mercado, uma vez que ela contém a “população exigida pelo aparelho produtivo e o ‘exército de reserva’ que a burguesia requer a fim de comprimir os salários e dispor de um ‘volante’ de mão-de-obra. Mercado de bens e de dinheiro (dos capitais), a cidade também se torna o mercado de trabalho (da mão-de-obra)” (Marx & Engels, 1974: 62).

Assim, se a cidade industrial capitalista representa o encontro de indivíduos que compartilham uma situação de libertação do sistema feudal, para Marx ela expressa as condições mais fundamentais de alienação do ser humano.

Os escritos de Karl Marx, a partir do Manifesto Comunista de 1848, radicalizava a crítica ao sistema de fábrica. Para esse pensador, não existia possibilidade de reformas dentro do sistema. Só a erradicação da exploração do capital sobre o trabalho, liderada pelas massas proletárias, traria soluções sociais positivas.

As denúncias sobre as condições miseráveis dos trabalhadores levavam as classes dirigentes a descobrir que essa situação era consequência do próprio projeto liberal. As elites eram obrigadas a reconhecer o problema não como degeneração genética dos pobres, mas como um problema social que acabava envolvendo toda a cidade, envolvendo pobres e ricos.

Apesar de as divergências entre Marx e Weber serem profundas e fundamentais, é preciso reter o fato de que os dois analisaram a cidade historicamente e mostraram, de maneiras diferentes, que, na tradição ocidental, a cidade tem sido o ponto de convergência de processos diversos. Eles mostram que, historicamente, “cidade e política nasceram, na tradição ocidental, como conceitos e realidades inter-relacionadas. De resto, etimologicamente, as ligações são claras: civitas e polis são as raízes em distintos idiomas para expressar, ao mesmo tempo, um modo de habitar e uma forma de participar: civismo e política” (Cardoso, 1975:135).

2.3. A cidade segundo Louis Wirth e Robert Redfield

Louis Wirth considerava o modo de vida a que ela (a cidade) daria origem como sua principal consequência, concedendo

forte valor explicativo ao urbano em si na análise dos diversos fenômenos que ocorrem em seu interior.

Wirth acreditava (como Simmel, seu “inspirador”) que o estabelecimento de cidades implicava o surgimento de uma nova forma de cultura, caracterizada por papéis altamente fragmentados, predominância de contatos secundários sobre os primários, isolamento, superficialidade, anonimato, relações sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controle social direto, diversidade e fugacidade dos envolvimento sociais, afrouxamento nos laços de família e competição individualista (Wirth, 1987).

O antropólogo Robert Redfield, por sua vez, opunha uma sociedade “folk”⁴ a uma urbana e acreditava que existissem variações contínuas entre elas, aumentando ou diminuindo de um pólo para outro de seu “continuum”. Para ele, as conseqüências do deslocamento em direção ao extremo urbano de seu “continuum” eram a desorganização da cultura, a secularização e o individualismo. A urbanização enfraqueceria ou destruiria os firmes laços que ele pensava que integrassem os homens em uma sociedade rural e criava uma cultura urbana caracterizada pela fragmentação de papéis sociais e um comportamento mais secular e individualista (Redfield, 1941).

Por trás dos modelos de Wirth e Redfield, encontra-se a oposição culturalista entre o tradicional e o moderno. Mas as limitações dessa abordagem os impedem de perceber que se a cidade é o contexto onde tais fenômenos ocorrem, eles são gerados pelo desenvolvimento da industrialização capitalista que acontece nas cidades. Confundem-se, nessa abordagem, cidade e sistema produtivo (AMARAL, 1998).

3. As igrejas

3.1. Os novos areópagos¹ e as igrejas cristãs

“O mundo mudou muito rápido e as Igrejas e religiões quase não mudaram. No momento atual, o mundo conhece o fenômeno da chamada ‘pós-modernidade’. Enquanto isso, a Igreja católica e outras ainda reagem à cultura da modernidade” (Marcelo Barros).

Nos últimos tempos, aumentaram grandemente os estudos sobre as cidades, no Brasil. Entre os analistas das sociedades contemporâneas, há várias tentativas de captar o que especifica a vida societária atual. Nesse horizonte, há um fenômeno que desconcerta a muitos, contudo, é essencial para entender a sociedade hoje: o desafio da urbanidade. O Pe. José Comblin, em seu livro *Pastoral Urbana*, assim se expressa:

“Os cristãos por tradição não resistem ao modo de vida urbano: a sua fé se dissolve mesmo sem que eles se dêem conta” (COMBLIN, 2000: 12).

Como pensar a teologia e a pastoral a partir dessa nova realidade? O desafio é grande porque temos muitos problemas diversificados referentes “à vida, paisagem poética e sociocultural das cidades e mutações urbanas no Brasil de hoje”.

Alguns dados nos impressionam. No início do século XX, a terra tinha um bilhão de habitantes e pouco mais de 90% moravam no campo. Hoje, temos 3 bilhões de pessoas morando em cidades, de um total de 6 bilhões. No Brasil, mais de 82% da população já estão morando em cidades; mesmo muitas pessoas que ainda trabalham na agricultura já estão morando em cidades.

Um dado estarrecedor é que temos 50 milhões de miseráveis no Brasil. Significa que 29,3% da população brasileira tem renda mensal inferior a 80 reais per capita (o cálculo é do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas FGV). O estudo apresenta esses e outros cálculos para cidades brasileiras com mais de 100 mil habitantes.

Dados do IBGE: um alerta

No ano de 2002, o IBGE divulgou os resultados da chamada tabulação avançada dos dados preliminares do Censo. Queremos abordar aqui os resultados relativos à questão Religião que, inclusive, teve muita repercussão na imprensa nacional. As três questões sobre a religião são:

- a diminuição da porcentagem dos católicos, de 83,8% (1991) para 73,8% (2000); em números absolutos, os católicos aumentaram de 121,8 milhões (1991) para 125 milhões (2000);
- o aumento da porcentagem dos evangélicos, de 9,05% (1991) para 15,45% (2000); em números absolutos, de cerca de 13 milhões para 26 milhões;
- o aumento dos que se declaram “sem religião”, que passaram de 4,8% da população (1991) para 7,3% (2000), ou de 7 milhões para 12,3 milhões.

O encantamento da cidade

O encantamento da cidade se dá exatamente pelo aspecto do diferente. A cidade vive de novidades. Está sempre mudando. Basta ver o desejo consumista incutido pelo capitalismo. O Shopping Center é o retrato do que estamos falando. As pessoas se encantam de uma maneira que não vêem o tempo passar, mesmo sabendo que a cidade é violenta, ruidosa, suja, perigosa, irritante.

O gosto pela cidade se expressa por um desejo de emancipação da pessoa que está sempre buscando algo novo que vá preencher um vazio que a própria sociedade gerou. Há também um protesto silencioso a qualquer tipo de autoridade que impõe. É com esse viés que devemos procurar entender a manifestação religiosa na sociedade hoje.

A cidade reforça a autonomia da pessoa em relação aos grupos naturais, à família, à vizinhança, ao clã, à raça, à religião, à etnia. Como já refletimos, vimos que, no campo, as relações são mais duradouras e estáveis.

É preciso ver o espaço urbano além de seu aspecto geográfico. De fato, a mentalidade urbana é mais extensa que o espaço urbano.

“As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que poderia indicar a proporção da população urbana, pois a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo” (VELHO, 1987: 90).

Por outro lado, muitas Igrejas cristãs estão sendo desafiadas pelo fenômeno da “desurbanização”⁶ no final de semana (SANTOS, 1996). Convencionou-se guardar o dia de domingo como “Dia do Senhor”. Dia de encontro da comunidade cristã. “O êxodo da cidade para o campo todos os finais de semana coloca problemas pastorais. O dia de domingo é um dia longe da cidade. Será a nova maneira de ser dia do Senhor? Quando é que se reúne a comunidade cristã?” (COMBLIN, 2000: 13).

Dados da pesquisa do CERIS

Para saber qual é o perfil do católico brasileiro, o Instituto Nacional de Pastoral (CNBB) solicitou ao CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) a Pesquisa Tendências Atuais do Catolicismo no Brasil.⁷ O universo utilizado foi de 5.218 adultos das classes E (60%), D (31%) e C (9%) em São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife.

A pesquisa, feita entre março e setembro de 1999, revelou uma fragmentação do universo religioso brasileiro ou, *mais exatamente, o peso crescente da decisão subjetiva na escolha e na construção da religião de cada pessoa*. As respostas não apresentam diferenças significativas quanto à classe social ou ao nível de escolaridade e pequenas diferenças nas diversas classes de idades. A diferença significativa acontece entre católicos (só 9,3 deles dizem ter mudado de religião) e os não-católicos (entre os quais 43% declaram ter mudado). Verificou-se que as mulheres permanecem menos tempo que os homens na mesma religião.

Percebe-se um pluralismo de escolhas. Pluralismo religioso que incide em mistura de credos. Vejamos há católicos que aderem a crenças de outras religiões e não católicos que aceitam dogmas da Igreja. Há 35% de católicos que acreditam na reencarnação (doutrina espírita) e 15% que têm fé nos orixás (dos cultos afro-brasileiros). Por outro lado, há alguns não-católicos que aceitam integralmente os dogmas católicos e outros que misturam a fé em Jesus Cristo (8%) e no Espírito Santo (70%) com a crença na reencarnação (30%) e nos orixás (18%).

Outro bloco de questões advém da “Orientações ético-religiosas”. Há assuntos em que a grande maioria dos católicos se afastam da doutrina da Igreja (planejamento familiar, uso de contraceptivos, segundo casamento...), outros em que quase to-

dos aceitam a moral católica (contra o aborto, o adultério, o homossexualismo, a manipulação genética de seres humanos...) e outros que não têm uma opinião definida para temas como pena de morte, relações pré-matrimoniais, celibato x casamento dos padres etc.

O Pe. Alberto Antoniazzi, comentando a pesquisa do CERIS, reforça as seguintes sugestões para fazer "pastoral" numa grande cidade: 1. a comunidade eclesial deveria mostrar o amor de Deus através da "acolhida" personalizada; 2. adaptar a paróquia ao mundo da grande cidade e das modernas comunicações; 3. os cristãos devem contribuir, mais criativamente, para repensar a sociedade atual; 4. a Igreja deveria investir na formação de pessoal especializado.

De fato, percebemos que as ações da cultura urbana sobre a fé são impactantes. Basta de amadorismo e improvisações. Precisa-se urgente de pessoas competentes para o Brasil "moderno". Eis o desafio da cidade para a teologia e a pastoral.

Conclusão: a pastoral da cultura

"A tomada de consciência da dimensão cultural da existência humana acarreta uma tenção particular para com este novo campo da pastoral. Ancorada na antropologia e na ética cristã, esta pastoral anima um projeto cultural cristão que consiste a Cristo, Redentor do homem centro do cosmos e da história" (Redemptor Hominis, n.1)

O teólogo João Batista Libânio escreveu um texto para a Revista Vida Pastoral que reflete a lógica da pluralidade cultural.⁸ A lógica da cidade corresponde à lógica da pluralidade, segundo ele, "A lógica da cultura rural define-se pela tradição, garantida pela autoridade. A lógica da cidade constrói-se com base nas

experiências dos indivíduos. A primeira é uniforme. A segunda, plural”.

A cidade elege-se como lugar privilegiado para a Pastoral da Cultura. A cidade e o seu entorno são o lugar privilegiado para interfaces com as pastorais afins, notadamente as da Juventude, Universitária, Educação, a Afro-brasileira, do Ecumenismo e do Diálogo inter-religioso, entre outras.

O diálogo com as culturas e a afirmação da necessidade de aprofundamento da relação ecumênica, assim como o início da valorização do diálogo inter-religioso, serão a marca deste novo século para as pastorais e as teologias da Igreja. Na instituição do Pontifício Conselho para a Cultura, em seu documento, *Para uma pastoral da cultura*,⁹ lançado em maio de 1999, constata que “o processo de encontro e comparação com as culturas é uma experiência que a Igreja viveu desde os começos da pregação do Evangelho” (*Fides et Ratio*, item 70) e assume como o diálogo com a pluralidade e a diversidade cultural e religioso como um dos grandes desafios para a Igreja do terceiro milênio.

Na instituição do Pontifício Conselho, em 1982, já se afirmava que ele

“prosseguirá as próprias finalidades em espírito ecumênico e fraterno, promovendo também o diálogo com as religiões não-cristãs e com indivíduos ou grupos que não pertencem a religião alguma, na busca conjunta de uma comunicação cultural com todos os homens de boa vontade”.¹⁰

Naturalmente, não iremos encontrar um receituário para fazer Pastoral da Cultura, mas vivemos dentro de verdadeiros laboratórios, sobretudo nas periferias das grandes cidades. Em muitas comunidade já se ensaiam iniciativas interessantes nes-

se sentido. Tem que se usar uma “inteligência pastoral” para se fazer esse tipo de pastoral. A criatividade é o carro-chefe.

A parceria é um ponto chave dessa Pastoral. Parceria com outras pastorais e com outras expressões da Sociedade, inclusive o poder público. Iniciativas como biblioteca popular, videoteca, discoteca, oficinas de diversas linguagens artísticas, assim como encontros temáticos, cursos seminários responderão pelo dinamismo e aprofundamento cultural da comunidade. Há, simultaneamente, uma crescente formação da consciência cidadã. Consciência e valorização da cidadania e suas expressões diversas e plurais. O espírito da Pastoral da Cultura é possibilitar a todos da comunidade a fruição dos bens culturais da cidade num diálogo permanente com outros bens de outras localidades.

O pluralismo religioso nos convida a mergulhar no silêncio entre as palavras e penetrar no mistério da alteridade. É tempo de diálogo com o outro que vem de outro lugar.

Finalmente, convém abrir caminhos novos. A cultura muda e com ela a cidade. E nessa mudança as igrejas cristãs são convidadas a dialogar com o mundo. Dialogar com o diferente. Dialogar com outras culturas. Sobre esse tema o teólogo Paulo Suess antepõe algumas condições:

- que nenhuma cultura se arrogue ter a última palavra;
- que a comunicação faça parte de uma responsabilidade ampla e
- que todas as culturas respeitem reciprocamente seus silêncios e mistérios.

A última palavra que fica é do poeta, *Tom Zé*. Um poeta que viveu nos anos 70 uma experiência difícil no interior do Nordeste. E expressar através da música sua ânsia, ser feliz na cidade. Acompanhemos essa “poesia viajante”:

“Valei-me minha menina Jesus... / Só volto lá a passeio no gozo do meu recreio / só volto lá quando puder comprar um óculos escuro / Com um relógio de pulso que marque horas e segundos e um rádio de pilha novo cantando coisas do mundo, pra tocar / Lá no jardim da cidade, tocando pros acanhados dando inveja nos Barbados e suspiros nas mocinhas / Porque pra plantar feijão eu não volto mais pra lá / eu quero é ser Cinderela cantar na televisão / botar filho no colégio, dar picolé na merenda, viver bem civilizado pagar imposto de renda / Bênção mãe, Deus te faça feliz minha menina Jesus / livre e leva a paz em casa e fica aqui carregando o peso da minha cruz em meios aos automóveis mais / vai viaja, fuge daqui que a felicidade vai atacar pela televisão e traz felicidade, felicidade, felicidade até não poder mais respirar / Valei-me minha menina Jesus, minha menina Jesus, minha menina”.

Notas

- 1 José Artur Tavares de Brito (Artur Peregrino) é mestre em antropologia cultural pela Universidade Federal de Pernambuco e professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP.
- 2 Margaret Mead faz um estudo para dizer que a biologia não é fundamental. Ela mostra que as culturas geram temperamentos sexuais diferentes. Cf. Margaret Mead. Macho e Fêmea, um estudo dos sexos num mundo de transformações, Petrópolis, Ed. Vozes, 1971.
- 2 2 SAHLINS, Marshall. Cultura e Razão Prática. Antropologia Social. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1979.
- 3 Folk em inglês significa rural, que se refere ao campo.
- 4 Areópago – Areopagita – colina, era o local de reunião do Conselho Supremo e da Suprema Corte de Atenas. Paulo é

levado ao Areópago (At 17,19ss) – não fica clara se é levado diante do Conselho ou ao local que tinha esse nome, talvez para que seu discurso pudesse ser mais bem ouvido. De qualquer forma, na época de Paulo, o Conselho chamado Areópago era pouco mais do que um órgão acadêmico. O discurso de Paulo não foi pronunciado no habitual estilo Paulino, mas representou um esforço para falar à maneira dos filósofos gregos. Não teve êxito, mas Dionísio, um membro do Areópago, aceitou o cristianismo.

⁵ Para o escritor Milton Santos, a chamada “desurbanização” é um fenômeno, sobretudo em cidades que crescem e não acompanham a qualidade de vida da população.

⁶ www.cnbb.org.br

⁷ LIBÂNIO, João Batista. Fé cristã vivida na cidade: A fé em meio às lógicas da cidade. *Vida Pastoral*, Recife, n. 224, p. 3-9, mai/jun. 2002.

⁸ Conselho Pontifício da Cultura, Para uma pastoral da cultura. Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1999.

⁹ Intuição do Pontifício Conselho Para a Cultura, 20 de maio de 1982, Documentos pontifícios 198, Petrópolis, Vozes, p. 47.

Referências

AMARAL, Rita. **Povo-de-santo, povo de festa**. Estudo antropológico do estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo: USP. São Paulo, 1992.

ANTONIAZZI, Alberto. **Perspectivas pastorais da pesquisa** “Tendências atuais do catolicismo brasileiro”. Mimeo. 2002.

CARDOSO, Fernando Henrique. A cidade e a política: do compromisso ao inconformismo. In: **Autoritarismo e democratiza-**

ção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988, p. 42.

COMBLIN, José. **Pastoral urbana.** O dinamismo na evangelização. Petrópolis: Vozes, 2000.

CLIFFORD, James. **Culturas viajantes.** São Paulo: Papyrus Editora, 2000.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures.** New York: Basic Books, 1973.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** Portugal: Ed. Presença, 1974.

MEAD, Margaret. **Macho e fêmea, um estudo dos sexos num mundo de transformação.** Petrópolis: Vozes, 1971.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

PALERM, Ángel. **Historia de la Etnologia I e II.** México: Centro de Investigaciones Superiores - Instituto Nacional de Antropologia e História, 1976.

REDFIELD, Robert. **The folk culture of Yucatán.** Chicago: University of Chicago Press, 1941.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática.** Rio de Janeiro: ed. Zahar, 1979.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

VELHO, Otávio Guilherme (org). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: ed. Guanabara, 1987.

WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.